

## MATERIALIZAÇÕES DE SENTIDO NO CONTEXTO URBANO: A RELAÇÃO CENTRO-PERIFERIA

Tiago Roberto Ramos<sup>1</sup>; Renata Marcelle Lara Pimentel<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este estudo focaliza a relação discursiva entre espaços centrais e espaços periféricos da cidade de Maringá (PR), buscando compreender como se dá a constituição simbólica de tais espaços. Parte-se do referencial da Análise de Discurso francesa pecheutiana, explorando o *real* da cidade e a forma como este *real* é materializado simbolicamente. Flagrantes urbanos, nessa perspectiva discursiva, são observados como formas dessa materialização por meio de diferentes inscrições de sentidos. A observação discursiva de espaços centrais e espaços periféricos, constituída mediante contribuições reconfiguradas de cunho etnográfico, possibilitou explicitar um funcionamento marcado por um constante intercâmbio e disputas de sentidos. Centro e periferia inserem-se num jogo político simbólico em meio ao qual incorporam características variadas um do outro mediante demarcações e enfrentamentos, representativas da luta travada pela constituição de um mundo logicamente estável. As materializações discursivas observadas apontam para um funcionamento que sustenta e perpetua a imagem da cidade de Maringá como um “empreendimento urbano” marcado pela modernidade e pelo planejamento ao mesmo tempo em que se abrem fissuras, apontando para sentidos outros que fazem advir o *real* da cidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** análise de discurso; cidade; Maringá; relação centro-periferia.

### 1 INTRODUÇÃO

A cidade moderna, a cidade do capital, materializa as determinações do modo capitalista de produção, seus conflitos e suas incongruências. Essa configuração da urbanidade está diretamente associada ao desenvolvimento de mercados e à fixação do modo capitalista como forma dominante de produção. Isso faz com que a cidade moderna ganhe formas e traçados que a diferenciam de outros fenômenos de aglomeração precedentes. Tal singularidade instaura uma nova configuração da urbanidade, marcada pela hierarquização dos espaços, pela segregação socioespacial, pela forte presença do controle estatal, entre outros.

Como objeto de análise, este estudo focaliza o discurso que se constitui na relação entre centro e periferia na cidade de Maringá, Paraná, de modo a compreender a urbanidade, produzida em tais condições, como discurso, uma relação de produção de sentidos. Em outros termos, objetiva analisar, discursivamente, a cidade, a urbanidade e os sujeitos envolvidos neste processo, suas contradições, seus conflitos, suas vivências e a forma como se relacionam com o espaço citadino.

<sup>1</sup> Acadêmico do curso de Publicidade e Propaganda do Centro Universitário de Maringá – CESUMAR, Maringá – PR. Programa de Bolsas de Iniciação Científica do Cesumar (PROBIC). [tibobster@yahoo.com.br](mailto:tibobster@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Orientadora, docente do curso de Publicidade e Propaganda do Centro Universitário de Maringá – CESUMAR. [renatamlara@yahoo.com.br](mailto:renatamlara@yahoo.com.br)

Especificamente, buscamos explorar, de forma discursiva, intercâmbios e segregações simbólicas entre espaços-periféricos e espaços-*centro*, na referida cidade; entender como o urbano articula seus sentidos; analisar como esta articulação, materializada discursivamente no cenário periférico-central, significa o *real* da cidade, o momento em que ela se fala/significa, confrontando os discursos normativos pelos quais é falada/significada.

Para tanto, utilizamos como referencial teórico e metodológico a análise de discurso de linha francesa formulada pelo filósofo Michel Pêcheux e desenvolvida no Brasil, principalmente, por Eni Orlandi.

## 2 MATERIAL E MÉTODOS

O discurso, segundo Pêcheux, é o “efeito de sentido entre locutores” (ORLANDI, 2003, p. 21), e engrena na sua formulação as condições históricas com as quais se relaciona. Tais condições abarcam o contexto imediato de produção da discursividade, seu espaço no social, e o contexto mais amplo que o inscreve e o relaciona ao sócio, ideológico e historicamente já construído, pelo trabalho da memória discursiva, que torna possível todo dizer. O discurso é atravessado pelo interdiscurso que é o já dito, em algum lugar, por alguém, de alguma forma, e que já significa no dizer do sujeito. Como diz Orlandi (2003, p. 33), “o interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos.” Já o intradiscurso “é aquilo que estamos dizendo naquele momento dado, em condições dadas”.

Pêcheux (2008) aponta que há um mundo estabilizado e lógico no qual vivemos. Explicitar as relações de sentido que constituem tal mundo se configura, segundo ele, como um pensar discursivo. O autor (2008, p.44) afirma, ainda, que analisar discursivamente é “multiplicar as relações entre o que é dito aqui (em tal lugar), e dito assim e não de outro jeito, com o que é dito em outro lugar e de outro modo, a fim de se colocar em posição de ‘entender’ a presença de não-ditos no interior do que é dito”.

A partir de tais pressupostos, empreendemos uma análise focada na narratividade urbana, que, segundo Orlandi (2001), é uma formulação material lingüística da cidade (a cidade falando de si) ao mesmo tempo em que esta é atravessada pelo sujeito e suas formas de significar, construindo corporificações, gestualidades, trajetos urbanos por onde a cidade, o sujeito e o social se falam, significam-se.

A narratividade urbana dá corpo às materialidades que representam o *real* da cidade. Este, segundo Orlandi (2001), é a fala fora do lugar no discurso urbano, ou seja, uma materialidade discursiva específica, reveladora do conflito político/simbólico travado no espaço urbano para a constituição do mundo estável e lógico problematizado por Pêcheux (2008). Materialidade essa capaz de desconstruir a própria urbanidade, de revelá-la em suas contradições constitutivas. Quando os sujeitos estabelecem modos de dizer e constroem formulações que *des*-organizam o espaço burocrático e burocratizado do urbano, o *real* da cidade irrompe. O *real* da cidade é o lugar onde a falha do discurso urbano acontece, onde o irrealizado salta, onde encontramos uma fala *des*-organizada, fora do lugar, que desconstrói a normatividade do discurso *do* e *sobre* o urbano, construindo outras formas de produzir sentido no espaço urbano. É no *real* da cidade que o urbano (politicamente delimitado) é posto em questão pelo simbólico, pela constante possibilidade de poder ser “o outro”. Forma pela qual os sujeitos atravessam a urbanidade e produzem falas *des*-organizadas; falas que desestruturam a forma como a cidade é significada pelo político, permitindo que ela própria se signifique na sua materialidade simbólica. É no *real* da cidade que acontece também a atualização do discurso urbano, pois é nele que pulsa a dinâmica citadina – do caos, da *des*-organização cotadina. Assim,

o real da cidade é o espaço simbólico de significação da condição cidadina; é onde o conflito irrompe como constitutivo de uma determinada dinâmica social – a urbana; ou seja, é no real da cidade que a linguagem toma trajetórias e materialidades históricas e simbólicas que expressam os modos de produção de sentido da própria cidade. É justamente o impossível, o equívoco que escapa pela língua.

Para compreender o *real* da cidade, recorreremos ao “flagrante urbano” como ferramenta metodológica e de análise. Como aponta Orlandi (2001, 2004), o flagrante urbano é “um lembrete” do real da cidade, é uma forma específica da narratividade urbana se materializar. São modos de dizer *na* e *da* cidade que desorganizam o espaço urbano, ou seja, é a inscrição do sujeito no espaço, sua gestualidade que revela a falha, onde o irrealizado irrompe com toda a sua força. Os flagrantes são gestos, inscrições de sentido, expressões, ações ou produtos em que o simbólico é materializado. Por fim, os flagrantes são atos significantes que podem causar um movimento de ruptura no mundo logicamente estável da urbanidade, permitindo com que a falha aconteça, com que o sujeito tenha infinitas possibilidades de se inscrever nesse mundo urbanizado.

Utilizando de tais instrumentos, empreendemos observações das materialidades discursivas durante duas semanas, entre janeiro e fevereiro de 2010. Tais observações foram realizadas em espaços centrais da cidade de Maringá/PR, no entorno da Avenida Duque de Caxias, e em espaços periféricos da mesma cidade, bairros operários que ficam no limite territorial da cidade.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para compreender as formulações discursivas associadas à relação entre centro-periferia, em Maringá, realizamos uma breve revisão bibliográfica, buscando levantar aspectos históricos acerca da formação urbana maringaense. Em tal levantamento, encontramos escritos que apontam para uma observação de Cordovil (2007, 2008) sobre Maringá ser representada por um discurso-imagético fortemente associado aos princípios da modernidade, do desenvolvimento, e a construção da sua paisagem urbana ser movimentada em direção de sempre validar esse discurso. Essas características são tomadas aqui como condições de produção de outro discurso específico, o da relação entre centro e periferia, que desestabiliza essa imagem da cidade, fazendo com que o seu *real* irrompa.

Primeiramente, a pesquisa destacou o funcionamento discursivo de espaços centrais-periféricos e espaços periféricos-centrais. Os espaços centrais-periféricos são espaços que ocupam o centro propriamente dito da cidade, mas que estão simbolicamente tomados por representações e práticas populares. São espaços em que o imaginário de cidade moderna vem abaixo, pois demonstram como o centro “monumental” da cidade, que, como aponta Cordovil (2008), renegou a participação popular, foi apropriado pela participação social e política popular. Tal pesquisa de Cordovil (2008) aponta que nas diversas requalificações urbanas que Maringá sofreu o imperativo foi de manter as características espetaculares da construção do espaço urbano, desconsiderando a dimensão pública e social dos espaços – dimensões essas que, como demonstra a observação, são retomadas, ainda que de maneira conflituosa, na relação entre o centro e a periferia.

Podemos destacar ainda a existência de um funcionamento discursivo estruturado e adequado de tal forma a dar sustentação a um imaginário de Maringá como cidade moderna e desenvolvida, marcado por um conflito constitutivo em que as relações de sentido estabelecidas no interior dessa configuração do espaço urbano negam e desestruturam esse imaginário ao mesmo tempo em que se formam *por* ele; foi o que

apontou a pesquisa. O que há é uma contradição constituinte do imaginário, e o real da cidade escapando por fragmentos desse mesmo imaginário.

Assim, a relação centro-periferia é uma relação marcada pela negação e afirmação contínua desses dois espaços. Há uma *inter*-ação que constitui o espaço citadino, o real da cidade, que, por sua vez, sofre com o processo de silenciamento promovido pelo discurso do urbano, que busca organizar esse “caos”, legitimando determinadas práticas e desconhecendo outras.

Tais afirmações se sustentam nas materialidades observadas. No trajeto delimitado pelas Avenidas Paraná e Duque de Caxias, e pelas Avenidas Tamandaré e XV de Novembro, notamos uma gama de materialidades em que o popular se corporifica num espaço que é central – é a loja de variedades, o pequeno boteco, a casa de jogo do bicho, a praça central ocupada por práticas “periféricas”, o comércio varejista, o ambulante vendedor de coisa alguma (raízes medicinais, CDs e DVDs), as lojinhas de concerto de coisa qualquer, enfim, são esses espaços que simbolizam a forma como o centro e a periferia se relacionam. Como já apontamos, são espaços que materializam a relação conflituosa e constitutiva do imaginário urbano desta cidade.

Em contrapartida, nos espaços periféricos observamos a presença de determinados materialidades que possuem uma dinâmica central – é o campo de futebol, a praça de exercícios, o centro comunitário, a mercearia do bairro, enfim, os espaços de convívio da população – e assim o são, pois expressam as particularidades do grupo e de suas práticas.

Com base em tais observações, podemos afirmar que o popular é representado no centro mais em um espaço pré-determinado, pré-estabelecido. Na periferia há um movimento semelhante, pois existem materialidades funcionando como centrais, em tais materialidades, nelas e por elas, é que se estrutura a dinâmica simbólica desses espaços. Todo esse funcionamento discursivo busca sustentar e perpetuar a imagem de Maringá como cidade moderna, organizada, bem estruturada, ao mesmo tempo em que nega esse imaginário.

#### **4 CONCLUSÃO**

A partir das observações que realizamos, podemos afirmar que a constituição simbólica dos espaços centrais e periféricos de Maringá se dá a partir de um conflito estruturante. As identificações produzidas no interior desses espaços são perpassadas por um discurso imagético sobre a cidade e, a partir dele, constroem *re*-significações deste mesmo discurso, fazendo ecoar outras memórias. Os conflitos simbólicos que ocorrem na produção desses sentidos são conflitos que estão relacionados à produção da memória discursiva da cidade. Há uma memória institucional legitimada socialmente que busca sua perpetuação e uma memória não reconhecida, silenciada, que luta, mesmo inconscientemente, pelo reconhecimento, pela explicitação. Por isso, as materialidades discursivas com as quais trabalhamos apontaram para a polissemia dos sentidos associados à imagem de Maringá, de que a cidade e sua imagem é, ao mesmo tempo, sua afirmação e sua negação. A imagem da cidade legitimada socialmente é tomada por práticas que a *des*-legitimam, que questionam a sua institucionalidade, promovendo movimentos nos sentidos que são produzidos de forma a construir outras memórias.

Assim, discursivamente em Maringá, as relações produzidas no interior de seus espaços, principalmente nos espaços centrais e periféricos, sinalizam contrastes na própria urbanidade vivenciada nesse local, contrastes diretamente associados à construção da memória dessa cidade.

## REFERÊNCIAS

CORDOVIL, F. C. S. ; ANDRADE, C. R. M. . A cidade de Maringá, PR. O plano inicial e as requalificações urbanas. In. *Diez años de câmbios em el mundo, em La Geografia y em las Ciencias Sociales, 1999-2008. Actas Del X Coloquio Internacinal de Geocrítica, Universidad de Barcelona*: Scripta Nova (Barcelona), v. 270, p. 01-19, 2008. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/-xcol/55.htm>> Acesso em: 19 Nov. 2009.

CORDOVIL, F. C. S. Projeto Urbano como propaganda: a construção da imagem da cidade de Maringá. In: MACEDO, O.L C; CORDOVIL, F.C.S; REGO, R.L. (Org.). **Pensar Maringá: 60 anos de Plano**. Maringá: Massoni, 2007, v. 01, p. 83-99.

ORLANDI, Eni P. (Org.) **Cidade atravessada: os sentidos públicos no espaço urbano**. Campinas: Pontes, 2001.

\_\_\_\_\_ **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 5. ed. Campinas: Pontes, 2003.

\_\_\_\_\_ **Cidade dos Sentidos**. Campinas: Pontes, 2004.

PÊCHEUX, Michel **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 5.ed. Campinas: Pontes, 2008.